

Na tarefa da nova evangelização

Atualmente o mundo necessita que nós, os cristãos, sejamos mais audazes, mais coerentes, mais vibrantes. A nova evangelização diz respeito a todos. É essa tarefa que se aborda neste artigo.

16/06/2014

Com o Ano da fé, Bento XVI quis «introduzir todo o corpo eclesial num tempo de especial reflexão e redescoberta da fé»^[1]. Trata-se de um convite para considerar o que é crer,

o que é ser cristão, para que fiquemos mais conscientes da grandeza do dom da fé e, assim, realizemos uma nova evangelização. Nova evangelização que o Venerável Paulo VI e o Beato João Paulo II já tinham promovido e que responde a uma necessidade objetiva, pois em muitos países de cultura tradicionalmente cristã «grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé ou até já não se reconhecem como membros da Igreja, levando uma existência afastada de Cristo e do Seu Evangelho»^[2].

O Beato João Paulo II destacava que esta situação era um novo desafio para a Igreja. Com efeito, «não parece justo equiparar a situação de um povo que nunca conheceu Jesus Cristo com a de outro que O conheceu, O aceitou e depois O recusou, ainda que tenha continuado a viver numa cultura que assimilou

em grande parte os princípios e valores evangélicos»^[3]. Num contexto como este, é necessária a realização uma “nova evangelização” ou “reevangelização”^[4]. A criação do Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, ou o passado Sínodo dos Bispos sobre a *Nova Evangelização da fé cristã* são sinais claros de um empenho por levar o Evangelho a sociedades marcadas, em muitos aspetos, pelo secularismo e o relativismo.

Responsabilidade de todos

Depois da ressurreição, Jesus enviou os seus discípulos, fazendo-os participantes da sua própria missão: «como o Pai me enviou, assim também Eu vos envio a vós»^[5]. Com a força do Espírito, os apóstolos e os primeiros cristãos cumpriram esse mandato; em poucos anos, estenderam a mensagem evangélica por toda a urbe conhecida. «Eram

poucos, careciam de meios humanos, não contavam entre as suas fileiras – assim sucedeu, pelo menos, durante muito tempo – com grandes pensadores ou pessoas de relevo público. Desenvolveram-se num ambiente social de indiferentismo, de carência de valores, semelhante, em muitos aspetos, ao que nos toca agora enfrentar. (...) Aqueles primeiros souberam, com o seu comportamento, fazer brilhar diante dos seus concidadãos essa clareza salvadora e converteram-se em mensageiros de Cristo – simplesmente, com naturalidade, sem alardes chamativos – com a coerência entre a sua fé e as suas obras»^[6].

A nova evangelização diz respeito a todos: também a nós Cristo pede que preguemos «o Evangelho a toda a criatura»^[7]. Cada cristão, em virtude do Batismo, tem a responsabilidade de ser testemunha do Deus vivo, pois

«é-nos impossível calar o que vimos e ouvimos»^[8]. Cada cristão é *outro Cristo*, enquanto identificado com Ele pela graça e pela correspondência pessoal, e está chamado a «transformar com a força do Evangelho os critérios de juízo, os valores determinantes, os pontos de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade»^[9].

Todos temos o dever e o direito de evangelizar, cada um de acordo com o seu próprio papel na Igreja. «Que grande trabalho temos pela frente! Com humildade, com afã pessoal de santidade, temos que chegar às pessoas, antes de mais, com o nosso exemplo. Estejamos conscientes de que o esforço por nos comportarmos como cristãos cabais – apesar das nossas misérias pessoais – faz parte da luz que o Senhor deseja acender no mundo. Não tenhamos medo de chocar com o ambiente, nos pontos

incompatíveis com a fé católica, ainda que essa atitude nos possa mesmo acarretar prejuízos materiais ou sociais»^[10].

Além disso, embora nalguns aspetos pareça que nos encontramos numa situação semelhante à dos nossos primeiros irmãos na fé, não podemos esquecer que, em comparação com eles, «a nossa época oferece neste campo novas ocasiões à Igreja: a queda de ideologias e sistemas políticos opressores; a abertura de fronteiras e a configuração de um mundo mais unido, devido ao incremento dos meios de comunicação; o fixarem-se nos povos os valores evangélicos que Jesus encarnou na sua vida (paz, justiça, fraternidade, dedicação aos mais necessitados); um tipo de desenvolvimento económico e técnico sem alma que, não obstante, incita a buscar a verdade sobre Deus, sobre o homem e sobre o sentido da

vida»^[11]. Abre-se diante de nós um imenso panorama, pois muitos estão à procura do sentido da sua vida, um sentido que só lhes pode dar o encontro com Cristo. E é a nossa vida corrente – sem espetáculo – que lhes pode anunciar integralmente o Evangelho, que lhes pode permitir descobrir a força de Jesus Cristo, «a quem Deus fez para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção»^[12]. Depois teremos que ajudar os que descubrem ou redescobrem Cristo, a perseverar na sua decisão de O seguir, oferecendo-lhes a formação humana, intelectual e espiritual oportuna.

Com as armas da oração, da caridade e da alegria

Em mais de uma ocasião, São Paulo exorta os cristãos a revestirem-se da armadura de Deus. O próprio Apóstolo exemplifica esse “revestimento” interior dos filhos de

Deus, quando ensina que – «orando em todo tempo movidos pelo Espírito»^[13] – têm de “armar-se” com o cinturão da verdade e a couraça da justiça, e empunhar o escudo da fé e a espada do Espírito^[14]. Quem nasce de novo pelo Batismo, tem de comportar-se com espírito de misericórdia, de humildade, de mansidão^[15]. Tais disposições e condutas permitiram aos primeiros cristãos transformar o mundo. Nestes começos do terceiro milénio, usando essas mesmas armas, a oração e a caridade, temos de levar a cabo a nova evangelização.

Antes de mais nada, com a oração. «Perseverai na oração»^[16]. «Tudo quanto pedirdes com fé na oração alcançá-lo-eis»^[17]. Se não procurássemos a fortaleza e a eficácia na intimidade com Cristo «no Pão e na Palavra»^[18], onde a encontraríamos? O nosso Padre não se cansava de repetir que «a arma do

Opus Dei é a oração», e é essa lição que aprendemos a praticar, também convertendo o trabalho em oração, que temos de transmitir com paixão e dom de línguas em todos os ambientes. A oração é o fundamento e o ponto de partida de todo o apostolado.

«Católico, sem oração?... É como um soldado sem armas»^[19]. Uma nova evangelização, sem apoio firme e constante na oração? Uma utopia. «A oração é a arma mais poderosa do cristão. A oração faz-nos eficazes. A oração faz-nos felizes. A oração dá-nos toda a força necessária para cumprir os mandatos de Deus»^[20]. O apostolado, «seja ele qual for, consiste numa superabundância da vida interior, e em consequência, se queremos ajudar os outros, se pretendemos sinceramente animá-los a descobrir o autêntico sentido do seu destino na terra, é preciso que nos fundamentemos na oração»^[21].

E, junto com a oração, contamos com a arma da caridade, que «é o sal do apostolado dos cristãos»^[22]. «Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros»^[23]. Os primeiros cristãos deslumbraram muitos dos seus concidadãos, atraindo-os para Cristo e para a Igreja, com a finura da sua caridade. A Igreja foi enviada para manifestar o amor de Deus e tem de realizar a sua atividade – também qualquer ação apostólica pessoal ou coletiva dos cristãos e, mais em concreto, a nova evangelização – sob o signo da caridade, com a força do amor. «Hoje como ontem, Ele envia-nos pelos caminhos do mundo para proclamar o Seu Evangelho a todos os povos da terra (cf. Mt 28, 19). Com o Seu amor, Jesus Cristo atrai para Si os homens de cada geração»^[24].

Com caridade, transmite-se a alegria, que é outro sinal de vida cristã autêntica: «Disse-vos isto para que a

Minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa»^[25]. Com efeito, «onde está o Senhor goza-se de paz e de alegria, ainda que a alma esteja em carne viva e rodeada de trevas»^[26]. O apostolado cristão pode ser chamado *um apostolado do ser feliz e fazer felizes os outros*. Já naquelas primeiras comunidades cristãs, que gozavam da simpatia de todo o povo, reinava essa «alegria e simplicidade de coração»^[27] que sempre cativa. E, com a graça de Deus, muitos se incorporavam na Igreja.

Paulo VI, na encíclica *Evangelii nuntiandi*, falava da alegria de evangelizar e Bento XVI escreve sobre «uma nova evangelização para redescobrir a alegria de crer e voltar a encontrar o entusiasmo de comunicar a fé» pois «a fé, com efeito, cresce quando se vive como experiência de um amor que se recebe e se comunica como

experiência de graça e gozo. Tornamos fecundos, porque liga o coração à esperança e permite dar um testemunho fecundo: com efeito, abre o coração e a mente dos que escutam para acolher o convite do Senhor para aceitar a Sua Palavra, para ser Seus discípulos»^[28].

Em todos os ambientes

Esta nova evangelização deve ser realizada com o exemplo de caridade e alegria de cristãos bem formados, capazes de projetar a luz de Cristo e o sentido do homem. «Cristo, morrendo na Cruz, atrai a Si a Criação inteira, e, em Seu nome, os cristãos, trabalhando no meio do mundo, hão de reconciliar todas as coisas com Deus, colocando Cristo no cume de todas as atividades humanas»^[29]. O cristão não está chamado a «uma vida dupla: a vida interior, a vida de relação com Deus, por um lado; e, por outro, diferente e

separada, a vida familiar, profissional e social, cheia de pequenas realidades terrenas (...); há uma única vida, feita de carne e espírito, e essa é a que tem de ser – na alma e no corpo – santa e cheia de Deus, deste Deus invisível, que encontramos nas coisas mais visíveis materiais»^[30].

Conseguir iluminar todos os ambientes com a luz de Cristo é o grande encargo que temos pela frente. Assim, todas as circunstâncias em que se desenvolve a nossa vida diária tomarão nova força e sentido através do encontro com o Senhor. Não se trata de fazer nada especial, pois o apostolado «não é algo diverso das tarefas de todos os dias: confunde-se com esse mesmo trabalho, convertido em ocasião de um encontro pessoal com Cristo»^[31]. Como? «Com naturalidade, com simplicidade, vivendo como viveis no meio do mundo, entregues ao vosso

trabalho profissional e aos cuidados da vossa família, participando em todos os ideais nobres, respeitando a legítima liberdade de cada um. Desde há quase trinta anos, Deus pôs no meu coração o anseio de fazer compreender às pessoas de qualquer estado, condição ou ofício, esta doutrina: a vida corrente pode ser santa e cheia de Deus; o Senhor chama-nos a santificar o trabalho quotidiano, porque aí está também a perfeição do cristão»^[32]. Ao mesmo tempo, é evidente que há âmbitos nos quais é especialmente importante fazer escutar a voz de Deus: a investigação e o ensino, a moralidade pública, a instituição matrimonial e familiar, as novas tecnologias, etc.

Se nos empenharmos, contribuiremos para promover uma nova cultura, uma nova legislação, uma nova moda que sejam coerentes com a dignidade do homem. Atualmente o mundo

necessita que nós, os cristãos, sejamos mais audazes, mais coerentes, mais vibrantes. Através da nossa amizade sincera e leal ajudaremos muitas pessoas a tomar consciência da sua condição de filhos de Deus, chamados a identificar-se com Cristo. Descobrir-lhes-emos o horizonte da santidade pessoal, de modo que eles mesmos contribuirão com as suas próprias vidas para o desenvolvimento da missão da Igreja, pois «conhecer Jesus (...) é compreendermos que a nossa vida não pode ter outro sentido senão o de entregar-nos ao serviço dos outros»^[33]. Neste Ano da fé, Santa Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, conceder-nos-á as graças de que necessitamos para vivermos transbordantes de espírito apostólico e mobilizar muitos para o serviço da nova evangelização.

- [1] Bento XVI, *Porta fidei*, 11/10/2011, n. 4.
- [2] São João Paulo II, Discurso à assembleia do CELAM, 09/03/1983.
- [3] São João Paulo II, *Redemptoris missio*, n. 37.
- [4] cf. São João Paulo II, *Redemptoris missio*, n. 30.
- [5] Jo 17, 18.
- [6] Javier Echevarría, Carta pastoral por ocasião do Ano da fé, 29/11/2012, n. 11, em «Romana. Boletim da Prelatura da Santa Cruz e Opus Dei», 55 (2012/2), p. 343-344.
- [7] Mc 16, 15.
- [8] At 4, 20
- [9] São Paulo VI, *Evangelii nuntiandi*, n. 19.

[10] Javier Echevarría, Carta pastoral por ocasião do Ano de fé, 29/11/2012, n. 9, em «Romana. Boletim da Prelatura da Santa Cruz e Opus Dei», 55 (2012/2), p. 342.

[11] São João Paulo II, *Redemptoris missio*, n. 3.

[12] 1Cor 1, 30.

[13] Ef 6, 18.

[14] cf. Ef 6, 14-17.

[15] cf. Col 3, 12-14

[16] Col 4, 2.

[17] Mt 21, 22.

[18] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 118.

[19] São Josemaria, *Sulco*, n. 453.

[20] São Josemaria, *Forja*, n. 439.

[21] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 239.

[22] *Ibid.*, n. 234.

[23] Jo 13, 35.

[24] Bento XVI, *Porta fidei*, n. 7.

[25] Jo 15, 11.

[26] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 77.

[27] cf. At 2, 46.

[28] Bento XVI, *Porta fidei*, n. 7.

[29] São Josemaria, *Entrevistas a São Josemaria*, n. 114.

[30] *Ibid.*

[31] São Josemaria, *Cristo que passa*, n. 264.

[32] *Ibid.*, n. 148.

[33] *Ibid.*, n. 145.

J. Yániz

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/na-tarefa-da-
nova-evangelizacao/](https://opusdei.org/pt-pt/article/na-tarefa-da-nova-evangelizacao/) (26/03/2025)